

Comentário de Conjuntura

Em junho, o cenário econômico global foi marcado pela redução das tensões no Oriente Médio, favorecendo a melhora do ambiente de risco e a queda dos preços do petróleo. Apesar do relativo alívio, a inflação permaneceu como principal foco das autoridades monetárias, diante da persistência das pressões domésticas de preços em diversas economias. Nesse contexto, os bancos centrais mantiveram postura cautelosa e dependente da evolução dos dados, enquanto os indicadores de atividade continuaram apontando ritmos distintos entre as principais economias.

Nos Estados Unidos, a redução das tensões geopolíticas contribuiu para mitigar parte das pressões sobre os preços de energia. Ainda assim, a inflação ao consumidor avançou 0,5% no mês, acumulando 4,2% em doze meses, enquanto o núcleo atingiu 2,9%. A inflação ao produtor surpreendeu novamente, com alta de 1,1% no mês e 6,5% em doze meses, indicando pressões relevantes sobre os custos das empresas. Na reunião de junho, o Federal Reserve, com o novo *Chairman*, Kevin Warsh, manteve os juros inalterados e adotou comunicação mais austera, reforçando que eventuais ajustes dependerão da evolução da inflação e do mercado de trabalho.

Na Europa, o BCE elevou a taxa de juros, mas condicionou futuros movimentos à dependência dos dados, enquanto a desaceleração da inflação e a queda dos preços de energia reduziram a probabilidade de novos ajustes no curto prazo. Na China, os indicadores de maio mostraram moderação da atividade e variações de preços consumidor e ao produtor situando-se em 1,2% e 3,9%, respectivamente, ambas em dozes meses. Esses dados reforçaram as expectativas de adoção de novos estímulos econômicos pelas autoridades do governo central.

No Brasil, os indicadores de atividade reforçaram a expectativa de moderação gradual da atividade, embora o mercado de trabalho permaneça aquecido e a demanda doméstica siga sustentando o crescimento acima do potencial. A melhora do cenário externo reduziu parte das pressões sobre combustíveis, mas a inflação de serviços e os núcleos continuaram em níveis elevados, incompatíveis com a meta. No Copom reduziu a Selic em 25bps, para 14,25% ao ano, mantendo comunicação cautelosa e condicionando os próximos passos à evolução das expectativas para o comportamento da inflação e da atividade econômica.

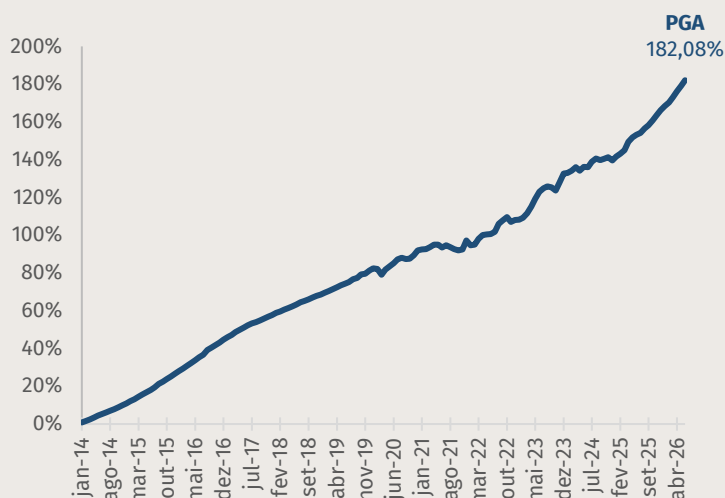
Recursos Garantidores

R\$ 697,2 milhões

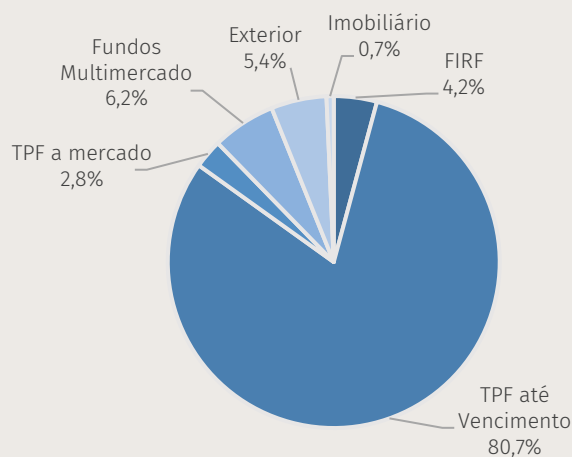
Histórico de Rentabilidade (%)

	2025			2026					12 meses	24 meses	36 meses	60 meses
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Tri	Abr	Mai	Jun	Ano				
PGA	5,70	5,13	11,13	2,56	1,19	1,06	1,06	5,98	11,43	19,52	26,54	45,73
IPCA	2,99	1,24	4,26	1,92	0,67	0,58	0,16	3,36	4,64	10,43	14,65	32,85
CDI	6,41	7,43	14,32	3,41	1,09	1,07	1,12	6,84	14,78	28,70	43,75	77,34

Rentabilidade Histórica



Composição da Carteira



Destaques de Desempenho

A carteira de investimentos registrou rentabilidade de 1,06% em junho, superando o índice de referência do plano para o mês (0,16%). O resultado refletiu o ambiente internacional mais benigno, favorecendo o desempenho dos segmentos de Exterior e Estruturado. A Renda Fixa permaneceu beneficiada pelos elevados prêmios de juros.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Junho/26
Renda Fixa	1,01
Estruturado	0,79
Exterior	2,55
Imobiliário	-1,02